

# Brasil e Argentina no Mercosul: uma análise da participação entre 2007 e 2010

## Brazil and Argentina in MERCOSUR: an analysis of the period from 2007 to 2010

Luiz Augusto Estrella Faria\*

Carolina Rigotti Coutinho\*\*

---

Meridiano 47 vol. 12, n. 125, mai.-jun. 2011 [p. 18 a 24]

*“Não se pode saltar sobre um abismo com dois pulos pequenos”*

David Lloyd George

### 1. Introdução

As relações do Brasil com o continente sul-americano são de profunda relevância desde a época em que o Brasil era uma colônia portuguesa. Os assuntos do Prata sempre fizeram parte da pauta de relações exteriores do país. E as relações com a Argentina permeiam toda a história brasileira.

Dentre todas as idas e vindas nessas relações, certamente o ponto de maior convergência, conforme demonstra Candeas (2010), é o período a partir da década de 1980, em que começa a aproximação que viria a culminar no Tratado de Assunção, em 1991, criando o MERCOSUL juntamente com Paraguai e Uruguai. E a análise do MERCOSUL, que este ano completa 20 anos, é de grande relevância, tendo em vista o destaque que a diplomacia brasileira tem dado para as relações com a região.

Conforme Albuquerque (2002, p.22), deve-se considerar a complexidade da interdependência do Brasil com seus vizinhos do Cone Sul, principalmente a Argentina, destacando que as relações internacionais brasileiras começaram com eles, mesmo antes da independência do país. Assim, o “MERCOSUL faz parte do nosso destino”.

Brasil e Argentina foram sem dúvida a base da integração no âmbito do MERCOSUL, com uma aproximação que inicia no final do governo militar com o acordo nuclear da década de 1980, seguida da declaração de Iguazu em 1985, que acordava o compromisso com o aprofundamento das relações econômicas e comerciais, sendo em 1986 assinado o Programa de Integração e Cooperação Econômica (PICE). Por fim, em 1988 foi assinado o Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento e em 1990 a Ata de Buenos Aires, que determinava um prazo de quatro anos para que se atingisse o livre comércio.

É importante ressaltar que no caso do MERCOSUL, especificamente, o processo foi iniciado no âmbito econômico, constando no Tratado de Assunção que sua principal meta seria “a livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos entre os países, através, entre outros, da eliminação dos direitos alfandegários e restrições não tarifárias à circulação de mercadorias e de qualquer outra medida de efeito equivalente (...)” (Tratado de Assunção, 1991, Artigo 1º).

---

\* Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e economista da Fundação de Economia e Estatística (FEE).

\*\* Mestranda em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O processo de integração do MERCOSUL encontra-se em um contexto em que se acreditava em uma progressiva liberalização do comércio, sendo essa a ênfase dada ao bloco. Entretanto, com sua evolução é possível notar uma maior ênfase em outros aspectos integracionistas, como a questão da democracia, com o Parlamento do MERCOSUL e a redução das desigualdades entre os membros, com o Fundo para Convergência Estrutural do MERCOSUL (FOCEM).

Deste modo, considera-se que o MERCOSUL é um bloco que teve na origem o processo de aproximação Argentina Brasil e, nos seus primeiros anos, adotou como preocupação fundamental a liberalização comercial. Ao longo do processo temas que foram contemplados na origem, porém sem grande destaque, foram ganhando importância, dentre eles a questão social e democrática, além das assimetrias, que influem bastante no processo. Com isso, parte-se da lógica da teoria da regulação para explicar a formação do bloco, pois se deve levar em conta não apenas os Estados que fazem parte, mas os interesses internos que impulsionam a tomada de decisão. Isso porque nessa teoria, o desenvolvimento socioeconômico é explicado como decorrente de um processo que combina as determinações da esfera econômica, o regime de acumulação de capital, com aquelas da esfera política e institucional, os mecanismos de regulação que resultam das disputas políticas da sociedade e definem as regras e padrões de conduta dos agentes.

Por outro lado, nota-se a relevância da análise da participação brasileira e argentina. Durante o período de crise do bloco, entre 1998 e 2003, um dos fatores explicativos dado por diversos autores é a divergência de política externa dos membros, principalmente Brasil e Argentina.

É importante ressaltar que a aproximação com a Argentina não se restringe ao âmbito econômico, podendo-se citar diversos tratados dos mais variados temas com o país. E deve-se ainda ressaltar que os novos impulsos de integração no continente também possuem grande peso na cooperação política e de infraestrutura entre os países, como a União das Nações Sul-Americanas (UNASUL) e a Iniciativa de Integração da Infraestrutura Regional Sul Americana (IIRSA). Entretanto, para fins deste artigo, considera-se a participação de ambos os países no MERCOSUL.

Por conseguinte, por serem os dois principais países do bloco, é importante que se analise a posição de Brasil e Argentina a respeito do MERCOSUL, tanto em termos comerciais quanto a como ambos os países encaram o bloco em termos de sua política externa. Segundo Bernal-Meza (2008, p.157), os dois países “desde la creación del MERCOSUR, han seguido políticas exteriores y modelos de inserción internacional a veces coincidentes y por épocas sustancialmente distintos, aún cuando en el caso brasileño, ambas políticas han sido más constantes y, en el caso argentino, más erráticas”.

Com isso, tem-se por objetivo analisar o bloco no período mais recente, ou seja, nos últimos quatro anos. Assim, primeiramente, será feito um breve histórico do bloco com o objetivo de situar o leitor, passando a seguir para o posicionamento de Brasil e Argentina durante o período. Por fim, serão traçadas breves conclusões sobre o período analisado e as perspectivas que se vislumbram.

## 2. Breve Histórico

Pode-se dividir o processo de integração no âmbito do MERCOSUL em quatro fases. A primeira delas corresponde ao período de 1991 a 1994, correspondendo ao período de formação do bloco e transição para um mercado comum, o que não ocorreu durante esse período. Entretanto, pode-se perceber um incremento substancial do comércio entre os países do bloco.

Já entre 1995 e 1998, são criadas novas instituições com o objetivo de contribuir para que se atinja um mercado comum. Além desse incremento institucional, com a celebração do Protocolo de Ouro Preto, o MERCOSUL passa a ter personalidade jurídica, sendo possível assinar tratados, por exemplo. Esse é um grande avanço, permitindo

com que os países negociem em bloco. Nessa fase nota-se ainda um avanço do comércio dentro do bloco. Por outro lado, um dos fatores reforçados pelos autores é o de que nota-se certa paralisia nas relações, com muitos órgãos sendo criados, porém muito baseado na iniciativa comercial privada (BOUZAS, 2001).

No período entre 1999 e 2003 ocorre a chamada crise do bloco, marcada pela retração no comércio e pelo enfrentamento de crises econômicas, como a de 1999 no Brasil e a de 2001 na Argentina. Nesse período notam-se algumas iniciativas interessantes, como a criação do Foro de Consulta e Concertação Política, composto pelos membros da chancelaria dos países, contribuindo para aumentar a concertação política. Além disso, destaca-se a tentativa de relançamento do MERCOSUL, entre 2000 e 2002, para fortalecer as instituições e a imagem de integração. Por fim, destaca-se o Protocolo de Olivos, que modifica o mecanismo de solução de controvérsias, criando o Tribunal Permanente de Revisão e abrindo a possibilidade de os membros escolherem entre o mecanismo do MERCOSUL ou da Organização Mundial do Comércio (OMC) para a solução dos conflitos.

Por fim, tem-se o período a partir de 2003, marcado pela recuperação. Nota-se um incremento do comércio e a criação de uma série de instituições destinadas a cuidar de temas como direitos humanos e democracia. Pode-se destacar a criação do Parlamento do MERCOSUL, em 2005, que se encontra em fase de implementação, pois os parlamentares ainda não foram escolhidos pela população dos países membros, exceto os do Paraguai; e do Fundo de Convergência Estrutural do MERCOSUL (FOCEM), em 2004, para lidar com as assimetrias dentro do bloco.

Percebe-se que duas das principais críticas a respeito do bloco, a da lacuna em termos de democracia e questões sociais e de tratamento das assimetrias começou a ser resolvida nesse período. No Comunicado Conjunto dos Presidentes dos Estados Partes do Mercosul, de 29-06-2011, a questão social foi enfatizada como um dos objetivos do bloco, além de ser um espaço de oportunidade de desenvolvimento para os povos da região. Nesse comunicado, foram destacados diversos temas relativos à questão social, como a questão da migração e dos direitos humanos. Com isso, “ratificaron su determinación de fortalecer la dimensión social de la integración, resaltando la importancia de los trabajos que se desarrollan en los distintos foros para garantizar el crecimiento económico con justicia e inclusión social” (COMUNICADO CONJUNTO..., 2011).

Destaca-se ainda a assinatura de acordos de livre comércio com países de fora da região, como Israel e Egito, além de acordos de preferência comercial com outros blocos, como a União Aduaneira do Sul da África (SACU) e cooperação econômica, com o Conselho de Cooperação do Golfo (CCG). Por fim, deve-se mencionar o fim da dupla cobrança da Tarifa Externa Comum (TEC), um dos problemas há muito discutido, por ocasião da 39ª Cúpula do MERCOSUL, realizada em San Juan, Argentina, em 2010.

### 3. O Brasil e o MERCOSUL

Ao que se refere aos fluxos comerciais, o Brasil é o país do bloco que menos depende do comércio com os demais países integrantes do MERCOSUL. Como o país adotou uma estratégia de *global trader*, seu comércio, tanto no que diz respeito às importações quanto às exportações, é bastante variado. Em termos absolutos, tanto as importações quanto exportações provenientes do bloco vêm crescendo nos últimos anos, entretanto, em termos relativos tem havido uma perda de importância para regiões mais dinâmicas, como China, que têm ganho peso relativo na lista de parceiros brasileiros (FARIA, COUTINHO, 2009).

Em termos de política externa, desde o final do mandato de Fernando Henrique Cardoso, a partir dos anos 2000, a diplomacia brasileira tem se voltado mais para a região da América do Sul. Certamente antes desse período havia uma atenção especial para com as relações com a região, entretanto, essa é reforçada com a primeira reunião dos Presidentes Sul-Americanos, em Brasília, em 2000.

Com a eleição de Lula em 2002, nota-se uma continuidade com relação ao final do governo anterior, tendo a América do Sul como prioridade da diplomacia. É interessante destacar como o Brasil nesse momento enfatiza a

necessidade de integração sul-americana como um todo, tendo o MERCOSUL como base para esse processo. Além disso, o Brasil vem enfatizando a importância da Argentina como parceiro:

Nos últimos anos, o Governo brasileiro investiu muito na integração e na paz da América do Sul. Fortalecemos nossa parceria estratégica com a Argentina. Aprofundamos o Mercosul, inclusive com mecanismos financeiros únicos entre países em desenvolvimento (AMORIM, 2010).

Paulo Roberto de Almeida (2004, 165) coloca que a diplomacia do governo Lula reforça o aspecto político do bloco, contribuindo para outras discussões além das de temática comercial, levando em conta o aspecto social, o que leva a uma visão do bloco como “um fim em si mesmo”, e não apenas um meio de elevar a projeção internacional do país. Além disso, o autor salienta que uma diferença em relação ao governo anterior é o fato de que a Argentina é considerada “o” parceiro estratégico do Brasil, e não apenas mais um parceiro estratégico, tendo por consequência um maior empenho em buscar posições comuns.

Há continuidade nessa perspectiva com a posse da nova presidente, Dilma Rousseff, em 2011, pelo menos no que diz respeito aos primeiros seis meses de governo. O novo Ministro de Relações Exteriores, Antônio Patriota, na cerimônia de posse, ressaltou que a relação com a Argentina é central, e a respeito do entorno brasileiro, ressaltou não apenas o MERCOSUL, mas também a União Sul-Americana de Nações (UNASUL) e a Iniciativa para a Integração Física Sul-Americana (IIRSA):

Ancorados em nosso entorno sul-americano, teremos a nossa disposição um MERCOSUL robusto e uma UNASUL crescentemente coesa. Compete-nos completar a transformação da América do Sul em um espaço de integração humana, física, econômica, onde o diálogo e a concertação política se encarregam de preservar a paz e a democracia. Onde os elos que vimos estabelecendo entre nossas classes políticas, nossos setores privados e nossas sociedades contribuirão para uma região cada vez mais unida no propósito de oferecer melhores condições de vida a nossa gente (PATRIOTA, 2011).

Esse é o mesmo tom do discurso de posse da presidente Dilma, que ressaltou que no seu governo: “seguiremos aprofundando o relacionamento com nossos vizinhos sul-americanos. Podemos transformar nossa região em componente essencial do mundo multipolar que se anuncia, dando consistência cada vez maior ao MERCOSUL e à UNASUL”. Com isso, percebe-se que desde o final do governo Fernando Henrique até o momento, o tom do discurso brasileiro de integração é o de abranger a América do Sul como um todo, entrelaçando os diferentes processos em curso no momento, de maneira a fortalecê-los.

#### 4. A Argentina e o MERCOSUL

Em termos de comércio, a Argentina é mais dependente do MERCOSUL que o Brasil, seu comércio se desenvolve mais na região. Desde o período de sua recuperação em 2003, o bloco tem tido importância crescente para o país, pois é o principal destino de suas exportações e a principal origem de suas importações. Dentre os países membros, percebe-se que o Brasil é o principal parceiro comercial da Argentina, e o comércio absoluto entre os dois têm aumentado muito desde 2003 (FARIA, COUTINHO, 2009).

Entre 1989 e 1999, desde a criação do bloco, Menem esteve à frente da Argentina. Seu governo foi marcado principalmente pelas chamadas “relações carnavais” com os Estados Unidos, focado em uma abertura econômica, pela qual passou o Brasil durante o governo Collor (1990-1992). A ele sucederem De La Rúa e Duhalde, governos os quais tinham como principal preocupação a crise que assolou a Argentina em 2001 e a recuperação do país. Já entre 2003 e 2007 Nestor Kirchner, e logo após Cristina Kirchner, até o período atual.

Segundo Bernal-Meza (2008, p.164), “con Kirchner la Argentina se acercó más

al Brasil en la visión sobre el regionalismo al cual se aspiraba”. Entretanto, o autor menciona algumas desconfianças por parte da Argentina, como a questão de o Brasil se projetar como líder incontestado da América do Sul, pleiteando um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU e a aproximação brasileira da União Europeia, tratando este como um parceiro estratégico.

Quanto à política externa argentina atual, dentre os objetivos mencionados pelo Ministério de Relações Exteriores da Argentina (*website*), se encontram:

Propugnar la apertura del país al mundo de manera realista, en el marco de la profundización de políticas de integración regional -en particular a través del MERCOSUR- aplicando criterios negociadores flexibles, acorde con las circunstancias del contexto internacional, con el objeto de fortalecer el restablecimiento de la credibilidad, confiabilidad y previsibilidad de nuestro país; profundizar la alianza estratégica con Brasil en todos sus aspectos, como forma de fortalecer la base de inserción política y económica de nuestro país en el contexto internacional (Disponível em: <<http://www.mrecic.gov.ar>>).

Ao contrário do discurso brasileiro, de ver como um bloco único a integração no nível do MERCOSUL, UNASUL e IIRSA, analisando os discursos dos chanceleres argentinos, percebe-se uma separação entre UNASUL, de cunho político, e MERCOSUL, voltado ao desenvolvimento conjunto dos países. Nas palavras do atual chanceler argentino:

Con respecto a UNASUR, creo importante remarcar el valor que le otorgamos como una instancia regional de negociación con capacidad para resolver problemas políticos entre nuestras naciones, donde la Argentina tiene peso específico diferenciado como articulador entre bloques, además de la responsabilidad institucional al ejercer la Secretaría General. Este decidido involucramiento en nuestro continente nos lleva a continuar promoviendo los procesos de integración en donde todos los miembros obtengan beneficios y reafirmar el valor de una estrategia coordinada con los socios del MERCOSUR, coherente con el desarrollo económico-social de todas las naciones (TIMERMAN, 2010).

Por outro lado, é importante frisar que é perceptível uma maior coordenação de política externa no que diz respeito à integração entre Argentina e Brasil, pois para os dois países a região é uma das prioridades da diplomacia, ao contrário de períodos anteriores, em que havia um total desencontro entre as políticas externas.

## 5. Considerações Finais

Analisando esses objetivos, é possível perceber o grau de importância dado às relações com o Brasil e com o MERCOSUL por parte da Argentina atualmente. Certamente isso não exclui que ocorram discordâncias, principal e notoriamente no que diz respeito ao comércio.

A respeito da política externa em geral, fora do âmbito do MERCOSUL, há divergências, como o caso da reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas (ONU), em que os países apresentam projetos diferentes. No entanto, é interessante notar que, por outro lado, os países apresentam visões convergentes em diferentes âmbitos no cenário internacional. É relevante salientar a viagem de Dilma à Argentina ainda em janeiro de 2010, ocasião na qual declarou o apoio brasileiro dado à Argentina no caso das Malvinas. Ademais, segundo o embaixador brasileiro em Buenos Aires:

No plano multilateral, Brasil e Argentina alcançaram, nas últimas décadas, uma ampla convergência de posições no tratamento dos temas da agenda internacional, como o fortalecimento das Nações Unidas e das instituições multilaterais, a promoção dos valores democráticos e dos direitos humanos, e a defesa do meio ambiente. Os dois países atuam conjuntamente no âmbito do G-20 financeiro e do G-20 comercial na busca de uma regulação mais eficaz das transações financeiras internacionais e de um regime mais justo e equilibrado no comércio internacional (CORDEIRO, 2010)

Segundo estudo de Coutinho, Kfuri e Hoffman (2007), em termos de política externa, levando em conta as votações na Organização das Nações Unidas, “entre 1991 e 1996, há posições divergentes em relação à quase metade das votações”. No período entre 1997 e 2003, chega-se a 75% de votos coincidentes e entre 2003 e 2007, 69%. Em comparação com o início do bloco é um bom índice, e deve-se levar em conta que esses são os números relativos aos quatro membros do bloco, pois a Venezuela ainda não havia ingressado.

Vigevani e Cepaluni (2007) comentam a respeito da visão de mundo coincidente entre Brasil e Argentina durante os governos Lula e Kirshner, e é possível dizer que essa tendência vem se mantendo até o presente, com ambos os países comprometidos com a integração no âmbito do MERCOSUL e sul-americano. Nota-se maior tendência do Brasil enfatizar a integração do continente sul-americano, enquanto a Argentina enfoca mais o MERCOSUL como base de integração, tratando da UNASUL como um foro de concertação política.

Certamente ainda existem pontos de conflito e discordâncias, porém esses não devem ser encarados com pessimismo, pois fazem parte do processo. Ademais, deve-se concordar com a posição de Aldo Ferrer (2006), que menciona que se deve analisar o “MERCOSUL possível”, sem comparações com outros processos, como o europeu. Com isso, notam-se boas perspectivas a respeito da evolução do MERCOSUL, tanto em termos políticos quanto comerciais, pois novos âmbitos estão sendo discutidos, como a diminuição das assimetrias, e há ainda potencial para o crescimento do comércio dentro do bloco.

Por conseguinte, um dos fatores indicados por estudiosos que barrava o processo de integração, qual seja, a falta de convergência entre os países, principalmente os dois maiores, Brasil e Argentina, vem sendo amenizado, tanto no que se refere ao destaque que ambos os países conferem ao processo quanto às divergências em termos de visão de mundo.

## Referências

- ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon. O Brasil e os Chamados Blocos Regionais. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, SP, v.16, n.1, p.30-36, 2002.
- ALMEIDA, Paulo Roberto de. Uma Política Externa Engajada: a diplomacia do governo Lula. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, DF, v.47, n.1, 2004.
- AMORIM, Celso. *Discurso do Ministro Celso Amorim na abertura do Debate Geral da 65ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas*, 23/09/2010. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/discursos-do-ministro-celso-amorim-na-abertura-do-debate-geral-da-65a-sessao-assembleia-geral-das-nacoes-unidas-2013-nova-york-23-de-setembro-de-2010>>, acesso em: 23 jun. 2011.
- BERNAL-MEZA, Raúl. Argentina y Brasil en la Política Internacional: regionalismo y Mercosur (estrategias, cooperación y factores de tensión). *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, vol.51, n2, 2008.
- BOUZAS, Roberto. MERCOSUL, Dez Anos Depois: processo de aprendizado ou déjà-vu? *Revista Brasileira de Comércio Exterior*, Rio de Janeiro, RJ, FUNCEX, v. 68, jul-set. 2001.
- CANDEAS, Alessandro Warley. *A Integração Brasil-Argentina: história de uma ideia na visão do outro*. Brasília: FUNAG, 2010.

- COMUNICADO CONJUNTO dos Presidentes dos Estados Partes do Mercosul, 29/06/2011, disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/comunicado-conjunto-dos-presidentes-dos-estados-partes-do-mercosul-e-comunicado-conjunto-dos-presidentes-dos-estados-partes-do-mercosul-e-estados-associados>>, acesso em: 30 jun. 2011
- CORDEIRO, Enio. Brasil e Argentina: sócios no caminho da integração, 2010. Disponível em: <<http://www.brasil.org.ar>>, acesso em 23 jun.2011.
- COUTINHO, Marcelo; KFURI, Regina; HOFFMAN, Andréa. *Raio X da Integração Regional*. Estudos e Cenários, Observatório Político Sul-Americano, Maio, 2007.
- FARIA, Luiz Augusto Estrella; COURINHO, Carolina Rigotti. Relações Comerciais e Integração na América do Sul. In: VI Jornadas Lationamericanas de Historia de las Relaciones Internacionales, 2009, Jujuy. *VI Jornadas Lationamericanas de Historia de las Relaciones Internacionales*, 2009.
- FERRER, Aldo. **Integração Regional e Desenvolvimento na América do Sul**. Transcrição da conferência organizada pelo Fórum de integração regional / IUPERJ – dia 28 de abril de 2006. Observatório Político Sul Americano.
- LULA DA SILVA. Discurso do Presidente Eleito Luiz Inácio Lula da Silva proferido no Clube de Imprensa Nacional dos Estados Unidos durante visita a Washington, 10/12/2002, disponível em: <[http://www.mre.gov.br/portugues/politica\\_externa/discursos/discurso\\_detalhe3.asp?ID\\_DISCURSO=2030](http://www.mre.gov.br/portugues/politica_externa/discursos/discurso_detalhe3.asp?ID_DISCURSO=2030)>
- MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA ARGENTINA. Disponível em: <<http://www.mrecic.gov.ar>>, acesso em 23 jun. 2011.
- PATRIOTA, Antônio de Aguiar. *Discurso do Ministro Antonio de Aguiar Patriota na cerimônia de transmissão do cargo de Ministro de Estado das Relações Exteriores*, 2/01/2011, disponível em: <<http://itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/discursos-artigos-entrevistas-e-outras-comunicacoes/embaxador-celso-luiz-nunes-amorim/discurso-do-ministro-antonio-de-aguiar-patriota-na-cerimonia-de-transmissao-do-cargo-de-ministro-de-estado-das-relacoes-exteriores>>, acesso em: 23 jun. 2011.
- TRATADO DE ASSUNÇÃO, 1991, disponível em: <<http://www.mre.gov.py/dependencias/tratados/mercosur/registro%20mercosur/Acuerdos/1991/portugués/1.Tratado%20do%20Assunção.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2011.
- VIGEVANI, Túlio; CEPALUNI, Gabriel. A Política Externa de Lula da Silva: a estratégia da autonomia pela diversificação. *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, RJ, v. 29, n2, 2007.

## Resumo

Este artigo trata da participação de Brasil e Argentina no MERCOSUL entre 2007 e 2010. É feito um breve histórico dos principais acontecimentos desde a criação do bloco e procura-se analisar a política externa de ambos os países em relação a integração regional.

## Abstract

This article discusses the participation of Brazil and Argentina in MERCOSUR from 2007 to 2010. It presents a short description of the main facts since the creation of the bloc followed by an analysis of both countries' foreign policy regarding regional integration.

Palavras-chaves: Brasil, Argentina, MERCOSUL

Keywords: Brazil, Argentina, MERCOSUR

Recebido em 29/07/2011

Aprovado em 05/08/2011